

# REFLEXÕES SOBRE OS DIFERENTES PAPÉIS ASSUMIDOS PELO TERAPEUTA OCUPACIONAL ENQUANTO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

## **Soraya Diniz Rosa**

Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação, Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba - UNISO

## **Maria Luísa Guillaumon Emmel**

Terapeuta Ocupacional, Doutora em Psicologia Escolar, Docente do curso de graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, Orientadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba -UNISO e do PPG - Educação Especial da UFSCar.

### **Resumo:**

Este artigo relata um estudo exploratório sobre o trabalho na universidade, especificamente de terapeutas ocupacionais que exercem a função de professor universitário. A partir de critérios pré-estabelecidos, foi constituído um grupo de onze profissionais terapeutas ocupacionais que estivessem atuando como docentes universitários em instituições públicas e privadas de ensino. Através dos relatos dos entrevistados, analisou-se as informações obtidas sobre o cotidiano do professor, centrando as análises nas atividades do trabalho profissional: no ensino, pesquisa, extensão e administração.

**Palavras-chave:** professor universitário, terapia ocupacional, saúde e trabalho

## **INTRODUÇÃO**

As questões que norteiam este artigo estão relacionadas às reflexões sobre o *trabalho*, mais especificamente sobre o trabalho docente do terapeuta ocupacional na Universidade.

Nossa pretensão foi a de constituir este espaço no

sentido de poder contribuir para as reflexões a respeito dos papéis que o terapeuta ocupacional desempenha ao assumir o trabalho acadêmico.

Num primeiro momento, apresentamos uma reflexão teórica sobre o papel do *trabalho* dentro de uma abordagem sociológica da sociedade contemporânea.

Entendemos que a sociedade ocidental está estruturada ideologicamente por uma práxis voltada para a valorização do trabalho.

O trabalho, se entendido como profissão, ofício, significa que o indivíduo realiza uma tarefa e em troca recebe por ela. Nesse sentido, está vinculado a uma necessidade pessoal, a uma condição de garantia da própria vida: “ele precisa trabalhar para sobreviver”.

Nesse sentido, a exigência do modelo contemporâneo está definida pela capacidade que as pessoas têm para o trabalho, como e quanto elas produzem e de que forma podem consumir esses produtos.

Pode-se dizer que na sociedade industrial moderna urbana e de massa o trabalho é objetivamente atividade humana dirigida à produção da riqueza, numa labuta, que na maioria das vezes, resulta em sacrifício.

HARVEY (1996) entende que vivemos uma condição pós-moderna em que o modelo industrial empurrou as pessoas a construir uma sociedade determinada por um espaço e um tempo voltados predominantemente para o trabalho. Esse modelo constituído determina as condições de vida dos indivíduos.

Para GUATTARI e ROLNIK (1986), também outros vetores estarão permeando a construção dos modos de vida. O sujeito se encontra diante de uma heterogeneidade de componentes (sociais, econômicos, tecnológicos, de mídia, etc) que sugerem informações, fluxos, imagens e modelos, em que o resultado de um entrecruzamento desses componentes vai delimitar uma forma de estar no mundo. Esses autores entendem que são as práticas sociais que fazem nascer sujeitos, objetos, técnicas, conceitos, verdades e vida. É na processualidade que sujeito e objeto experimentam um

modo de conhecer o mundo, portanto as práticas sociais se constituem em um ato de experimentação, de encontro consigo mesmo, com o outro e com as coisas do mundo. É a partir do engendramento histórico, ético e político das práticas sociais que fazem emergir sujeitos e objetos. Nessa vivência, o sujeito se encontra diante de uma heterogeneidade de componentes que concorrem para a produção de uma forma de existir. Esses componentes vão sendo consumidos e delimitam uma cartografia individual, onde cada pessoa vai se posicionando frente ao significado das coisas.

Dentro dessa ótica, o trabalho emerge das práticas sociais, como uma atividade de ocupação do cotidiano, possibilitando a experimentação do encontro consigo mesmo, com as outras pessoas e com as coisas do mundo.

Para MAXIMINO (1997: 2) “*o fazer é sempre um ato social. Os homens se juntam para fazer coisas e o fazer cria um tipo especial de relação, um identificar-se pela ação ou por seus objetivos em comum. Aquilo que é feito, o é em um mundo compartilhado*”. O fazer pressupõe um sentido do outro na relação, logo, mesmo que a ação do sujeito tenha por finalidade uma satisfação ou necessidade própria, ela repercutirá num espaço coletivo, implicando mudanças de cunho social.

Nesse sentido, o trabalho pode ser entendido como uma atividade que dá suporte para o resgate da espontaneidade e da expressão criativa, numa dimensão de prazer, admitindo a possibilidade de produzir coisas através de um investimento afetivo.

## **OBJETIVO**

Este trabalho iniciou-se a partir do interesse em investigar o cotidiano do terapeuta ocupacional que atua na área da docência.

O objetivo da pesquisa foi buscar conhecer como o terapeuta ocupacional define o seu papel profissional na academia, qual é o espaço que ocupa dentro dela e o que ele indica como situações de satisfação e insatisfação no trabalho.

## **METODOLOGIA**

Essa investigação desenvolveu-se conforme a metodologia da pesquisa qualitativa.

A estratégia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi o uso da entrevista semi-estruturada. As entrevistas individuais permitiram que aflorassem ansiedades e desejos, na medida em que os temas favoreceram um repensar sobre os papéis desenvolvidos pelo professor no seu cotidiano e as emoções estabelecidas em suas diversas relações.

Na condução da técnica, considerou-se a importância da apresentação dos temas, oferecendo a oportunidade para o entrevistado de moldar o seu conteúdo.

Para analisar os dados, tomou-se como referência os pressupostos de BOGDAN e BIKLEN (1994:205), segundo os quais *“a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido, e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros”*. No presente estudo, foi feita a organização sistemática da transcrição dessas entrevistas e das notas de observação que foram sendo acumuladas durante a pesquisa e a interpretação dos conteúdos através da codificação estabelecida em um quadro de categorias.

O resultado dessa análise determinou um aprofundamento teórico, através da literatura sobre o assunto. A produção teórica consultada não foi

específica de uma área de conhecimento, abrangendo formulações da Educação, Terapia Ocupacional, Psicologia Social, Sociologia, Medicina Social e do Trabalho, diversidade que se justificou pela própria natureza do tema e da sua correlação.

## **População e Amostra**

O grupo foi constituído estabelecendo-se previamente dois critérios de inclusão:

- 1- ser terapeuta ocupacional;
- 2- estar atuando como docente universitário.

A justificativa de conduzir o estudo com terapeutas ocupacionais deu-se pelo interesse em investigar como esses organizam o seu cotidiano profissional, na medida em que a *qualidade* do fazer humano é um dos pressupostos paradigmáticos dessa profissão.

Em razão da função que ocupa, o professor universitário da área da saúde, onde o terapeuta ocupacional está inserido, desempenha quatro papéis sociais diferentes e complementares ao seu trabalho profissional. Ele se distingue, nesse sentido, dos demais professores universitários, já que além da docência, administração e da pesquisa, tem também a atividade de extensão.

A amostra foi constituída por onze docentes terapeutas ocupacionais, escolhidos aleatoriamente em 6 instituições públicas e 5 instituições privadas de ensino.

Os dados pessoais apontam que 72,8% desses professores pertence ao sexo feminino e 27,2% ao sexo masculino. A idade média é de trinta e nove anos, sendo a maioria casada (72,8%) e tendo, em média, dois filhos. Em relação à titulação, 72,7% estão inseridos em programas de pós graduação strictu-senso, sendo a maioria alunos de Mestrado, 2 frequentavam programas

de Doutorado e uma estava com o Pós Doutorado em curso. Todos os docentes com Doutorado (concluído ou em andamento) pertencem às instituições públicas de ensino.

A média de tempo de vínculo com a instituição em que trabalhavam era de 9 anos, com variações entre 1a.6m. a 17 anos. Nas instituições públicas de ensino a média de tempo de permanência era maior que nas

instituições privadas (9 anos nas públicas e 6 anos nas privadas). Além disso, 100% dos docentes das instituições públicas trabalhavam em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, enquanto todos os docentes das instituições privadas eram horistas, com turnos variando entre 20 e 30 horas semanais.

O Quadro 1 apresenta a constituição desta amostra.

Quadro 1 - Características dos participantes

N	Identif.	Idade	Sexo	E. Civil	Titulação	Instit.	Tempo Vínculo	Regime Trab.
1	1	36	F	S	Esp	Públ	4 anos	DE
2	2	35	F	S	M em curso	Públ	10 anos	DE
3	3	41	F	S	M em curso	Públ	10 anos	DE
4	14	37	F	Cas	D em curso	Públ	12 anos	DE
5	15	37	M	S	Esp	Priv	1 ano	4 h/sem
6	16	43	F	Cas	Esp	Priv	17 anos	22 h/sem
7	17	40	M	Cas	M em curso	Priv	13 anos	25 h/sem
8	20	39	F	Cas	D em curso	Públ	12 anos	DE
9	21	42	F	Cas	Pós Dout. em curso	Públ	7 anos	DE
10	22	40	F	Cas	M em curso	Priv	1a.6m.	30 h/sem
11	23	40	F	Cas	M em curso	Priv	1a.6m	20h/sem

### Procedimento

Cada entrevista foi precedida por uma explicação sobre o significado e os objetivos da pesquisa. Posteriormente, ficou a critério do entrevistado qualquer esclarecimento, bem como a forma e disposição das suas respostas. Assim, quem determinou o rumo, o tempo e a finalização da entrevistas, foram os próprios informantes.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, mantendo-se os relatos dos entrevistados na

versão original.

Os critérios de análise estiveram definidos em dois momentos. O primeiro, deu-se na elaboração de um quadro contendo todas as questões e as respostas de cada sujeito que estavam organizadas de acordo com a classificação dos grupos. Essa ordenação possibilitou uma leitura horizontal, apontando todas as informações a respeito de uma mesma temática.

O segundo momento foi o da classificação dos dados, quando se juntaram as respostas com os

significados correspondentes para montar as categorias. Como resultado dessa análise, quatro categorias foram estabelecidas:

- o papel profissional;
- a rotina do dia-a-dia ;
- as dificuldades encontradas no trabalho;
- as relações de satisfação e de angústia estabelecidas no cotidiano do professor universitário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As concepções de trabalho relatadas pelos professores universitários da área da terapia ocupacional foram entendidas como uma atividade que toma uma dimensão de prazer através de um investimento subjetivo que lhes garante realização. É o modo de se perceber e estar no mundo, indo ao encontro dos seus desejos.

Os professores terapeutas ocupacionais, ao descreverem o seu papel profissional, vão dando um significado satisfatório dessa relação vida-trabalho. A maioria revela que existe uma satisfação no desempenho do seu papel profissional, gosta do que faz e define um modo de viver que tem a ver com sua própria subjetividade.

Nesse estudo, entendeu-se que a escolha profissional faz parte de uma opção de vida desses professores e representa um identificar-se com uma atividade para fazer coisas para si e para os outros. Desta forma, a escolha profissional esteve calcada em alguma coisa envolvente, algo que valesse a pena arriscar, sendo uma concepção daquilo que acredita e que busca enquanto sentido de vida.

*Eu não me arrependo, gosto muito de ter escolhido ser professor universitário ... sempre fui de lidar com gente. Brincava de ser professor*

*desde pequenininho. Eu acho legal, quer dizer, tem a ver comigo. E por outro lado tem essa coisa de ser professor que é um desafio constante; você tem que estar sempre com o aluno, você tem que estar passando, tem que estar se atualizando, tem que estar descobrindo respostas para as dúvidas de outras pessoas que não são as suas. Você tem que ir atrás e conhecer um mundo de idéias e isso eu acho legal.(S17)*

Alguns profissionais referem não ter escolhido a carreira docente e que isso aconteceu acidentalmente, pela disponibilidade do mercado. Porém, a confirmação da escolha profissional fica muito presente nos discursos, o que não a invalida, na medida em que o desejo é reafirmado pela vocação.

*Na verdade, eu não escolhi ser professor universitário, foi quase um acaso na minha vida ... Eu comecei trabalhar na universidade muito cedo depois de formada. Surgiu uma oportunidade de trabalhar na universidade e eu acabei indo. Não foi uma escolha profissional, mas desde a hora que eu entrei na universidade, nunca mais pensei em sair.....(S21)*

O professor continua certificando a sua opção uma vez que continua desejando manter o seu papel profissional.

No desempenho da prática educativa, o professor terapeuta ocupacional, considera que o trabalho acadêmico possibilita muitos encontros, dentre eles a possibilidade de estar com os alunos, o que vai estabelecer um sentido de responsabilidade que passa necessariamente, pela particularidade do eu, mas que experimenta o desafio da assunção e do comprometimento com o outro.

A relação que se estabelece com o aluno parece não estar determinada somente pelo objetivo do ensino/aprendizagem. Faz parte desse encontro o papel de acompanhante, no sentido de que o professor sente a

responsabilidade de ajudar o aluno a resolver os seus conflitos, que nem sempre estão relacionados com o ensino, mas com a vida.

Segundo Freire (1997:162) o professor trabalha com pessoas em permanente processo de busca. *“Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno (...)”*

Nesse sentido, o encontro com o aluno exige uma postura de acolhimento, de poder perceber as suas dificuldades e poder ajudá-lo. Porém, esse papel é conflituoso. Por um lado, não se tem clareza da sua dimensão, ou seja, até onde o professor terapeuta ocupacional vai dar conta de uma demanda emocional e particular do aluno. Por outro, ele se sente também responsável pela formação profissional desse aluno. Esse embate tem gerado para alguns professores a sensação de não estar dando conta das suas funções ou o sentimento de não estar preparado para o exercício do seu papel profissional.

Os terapeutas ocupacionais ao definirem o seu papel na universidade tomam como função da docência o desenvolvimento de ações nessas quatro áreas:

- ensino
- pesquisa
- extensão
- administração.

### **O professor na atividade de ensino**

Para esse grupo, o papel do professor terapeuta ocupacional na atividade de ensino está direcionada para dois eixos: o de ser professor e o de ser terapeuta.

As imagens criadas pelo grupo a respeito do primeiro eixo, estão relacionadas ao seguinte contexto: o professor como referencial de informação e facilitador do conhecimento, o professor como provocador, estimulador das reflexões sobre o espaço profissional, a carreira, as exigências individuais e coletivas e o professor como responsável pela formação da identidade profissional do aluno.

A definição do papel de facilitador do conhecimento apontada é no sentido de que ele serve de referência profissional, na medida em que desenvolve a sua prática. É o professor quem domina alguns códigos e conteúdos científicos que devem ser interpretados e utilizados como recursos dinâmicos e interativos e é o aluno que acompanha, experimenta e utiliza esses conteúdos. Desta forma, é aquele o gerador de informação, facilitador do conhecimento, entendendo que se faz necessário fornecer todo tipo de instrumental para que o aluno se aproprie do seu processo de aprendizagem. Isso significa dar uma direção, favorecendo as possibilidades de descobertas e disponibilidades para as construções de novos pensamentos. Definem o professor como sendo o mediador desse processo, facilitando ao aluno a criação de espaços próprios.

O papel de provocador significa que na maior parte do tempo o professor precisa promover no aluno a dúvida, o questionamento, a curiosidade. Ele ensina o aluno a aprender a aprender, ou seja, a estar sempre pronto para ir em busca da experimentação, para rever os conceitos e construir outras técnicas, acreditando que não existe nada pronto e acabado. O professor precisa ter uma postura de que o conhecimento poderá sempre ser construído, uma vez que se investiga cada realidade.

Nesse ponto de vista, o grupo concorda que é

uma função importante, mas também difícil, porque não é a cópia de um modelo pré-estabelecido; o professor não imita uma ação, mas ele precisa criar um espaço próprio, construindo um outro caminho na medida em que vai vivenciando a sua prática.

Os entrevistados entendem que o professor não é somente um instrumento que oferece elementos para a aprendizagem e que ensinar não é impor o conhecimento científico pronto e acabado, ditando regras e teorias, fazendo com que o aluno consuma ‘verdades’ muitas vezes abstratas. É mais do que isso. O professor é aquele que possibilita uma construção ideológica da profissão, conduzindo o aluno a criar um imaginário das perspectivas que nortearão a sua prática profissional, em que através do contato com as práticas sociais, constroem e destroem modelos, redefinindo o conhecimento.

No entanto, os modelos e práticas pedagógicas utilizados pelos professores da área da terapia ocupacional e da área da saúde em geral, estão articulados na base científica do exercício profissional. A questão é que esse professor, via de regra, não teve uma formação didática com o objetivo de prepará-lo para a docência. Na maioria das vezes, ele vai construindo a sua própria didática, seguindo os modelos que conheceu como aluno e na sua própria experiência como professor quando vai triando os instrumentos que considera facilitadores do processo ensino-aprendizagem. De certo modo, parece que fica implícito que a competência profissional assegura a competência didática.

Na verdade, essa situação também é relevante no exercício do papel profissional e a preocupação tem sido a de encontrar formas possíveis de garantir uma boa formação para o aluno.

O segundo eixo apontado pelo grupo está relacionado ao papel de terapeuta que o professor exerce.

Os entrevistados consideram que o terapeuta ocupacional professor é, essencialmente, terapeuta, porque ao exercer o papel da docência, experimenta uma situação peculiar que exige o desempenho desse seu papel como referência para a situação da aprendizagem. Ele ensina através da prática, ou seja, é o atendimento que vai dando suporte para as reflexões do conteúdo teórico.

Este duplo papel professor/terapeuta parece ser uma particularidade dos profissionais da área da saúde. Trabalhos na área da educação, por exemplo, que estudaram este assunto não relatam questões desta natureza, o que reforça a hipótese desta ser uma das especificidades dos professores dessa área.

O grupo entende que no campo da saúde, o processo ensino/aprendizagem vai ser contextualizado por uma situação que vai além da relação entre professor-aluno, envolve um outro ator singular, alvo das intervenções da terapia ocupacional: o paciente<sup>1</sup>. Considera que esse terceiro elemento diferenciador do processo vai ser um dos referenciais, um dos instrumentos provocadores da aprendizagem.

Na atuação clínica, o professor está frente a situações que demandam um controle e uma postura capazes de entender os problemas do paciente. Na relação que se estabelece com ele, pressupõe-se, antes de mais nada, um compromisso de ouvir e compreender o seu sofrimento e atuar para amenizar essa dor. A relação terapêutica implica em estabelecer o vínculo para sentir e perceber a dor do outro, depois, agir no sentido de dar uma resposta ao pedido do paciente.

---

<sup>1</sup> O termo “paciente” foi usado neste estudo, significando cliente ou usuário do serviço.

O terapeuta ocupacional ao desempenhar o seu papel docente, acumula uma dupla função: ao mesmo tempo que ele assume o paciente, precisa dar conta da docência, do aluno. Assim, ele vai ser a referência, o modelo profissional que diante de uma situação real, permitirá a instrumentalização e a construção da identidade profissional do aluno

A formação do professor clínico, diz PERRENOUD (1993:110) “*é essencialmente através da prática. Mas não uma prática qualquer. Uma prática enquadrada, bem organizada, para que os problemas a serem resolvidos estejam à altura das pessoas em formação.*”

Nesse sentido, se as falas dos entrevistados indicam que a atividade prática/clínica pode garantir um outro contexto do ensino/aprendizagem, essa situação também lhes gera um desconforto. Assim, embora o professor terapeuta disponha de meios teóricos para atender o paciente, a prática clínica frequentemente exige uma postura de enfrentamento do desconhecido. Ou seja, os modelos prontos, pré-estabelecidos que condizem em aplicar puramente uma teoria, nem sempre respondem às reais necessidades do paciente: as pessoas são diferentes, com histórias de vida íntimas e essencialmente particulares e por isso mesmo, precisam ser olhadas e compreendidas levando-se em consideração outros múltiplos aspectos.

Assim, o modelo apresentado por esse grupo de docentes parece não ser o da dicotomia saúde-doença, mas o da construção de uma *praxis* que privilegia o sujeito na sua singularidade, considerando as possibilidades de formular práticas assistenciais que permitam a articulação de diversos saberes e fazeres.

A conciliação desses papéis, ou seja, de professor e terapeuta, foi considerada muito complexa e está constituída por uma multiplicidade de sentimentos.

O professor diz que tem prazer quando está com o aluno atendendo as necessidades e os desejos do paciente. Mas refere também um sentimento de frustração, quando vivencia situações onde não consegue resolver os conflitos que o paciente traz, ou quando fica indeciso, ou ainda quando, na tentativa de resolver tais conflitos, impõe uma situação desconfortável que implica ao paciente passar por momentos de sofrimento, de espera, de angústia que inevitavelmente também vão ser vivenciados pelo professor.

Em todas essas situações o aluno está presente, observando diretamente a conduta do professor, apoiando ou discordando da sua ação.

Esse duplo papel exige, portanto, um duplo esforço: de um lado, do sujeito alvo da intervenção terapêutica ocupacional, que espera do terapeuta um conhecimento apurado técnico-científico capaz de eliminar o seu sofrimento. Do outro lado, dos alunos, que desejam obter uma aprendizagem capaz de garantir uma boa formação profissional, que viabilize a sua conduta prática. Essa exigência implica na garantia de que o processo ensino-aprendizagem seja suficientemente capaz de diferenciá-lo na disputa pelo mercado de trabalho.

Na verdade, considera-se que a maioria dos professores entrevistados demonstra preocupação em encontrar formas possíveis de se garantir a formação do aluno. Nesse sentido, existe a expectativa de poder formar profissionais comprometidos com as necessidades do homem no seu tempo, que sejam capazes de promover mudanças sociais.

*... você está tendo a oportunidade de formar trinta ou mais profissionais que vão estar lá fora, que vão atuar na comunidade, colocando a mão na massa ... e tem que ser gente boa. (S14)*

Assim, a intervenção do professor terapeuta ocupacional parece extrapolar as características pessoais de competência profissional e domínio da área especializada, mas se delinea no papel de formador, tendo a possibilidade de investir no aluno, para que ele possa se articular numa rede de dimensões que permeia a função social.

A possibilidade da inserção dos alunos em atividades práticas, nos espaços de trabalho do terapeuta ocupacional, favorece uma atuação do seu papel profissional quanto as questões éticas, de relacionamento com a equipe multidisciplinar, dos limites e dificuldades no manejo de situações concretas de trabalho e de relacionamentos com os sujeitos de sua intervenção. Nesse sentido, o aluno tem a oportunidade de perceber sua ação, podendo refletir seu papel profissional, alterando sua percepção anterior sobre a atenção à saúde.

*A prática é também uma disciplina onde ao mesmo tempo que você pratica a Terapia Ocupacional, você atende a população. Eu trabalho com crianças no Ambulatório de Terapia Ocupacional, então ao mesmo tempo que você tem que atender, avaliar as crianças, tem que estar estudando, conhecendo o caso novo e dando a solução, paralelo a isso, o aluno está junto com você e você tem que estar transmitindo, discutindo, ajudando-o a compreender, procurando que eles reflitam com você e formem uma opinião sobre o caso. (S17)*

Para PIMENTEL (1992:53), “na situação terapêutica não se fragmentam conhecimentos. Ao contrário, tudo quanto foi aprendido anteriormente na Física, Química, Biologia, Neurologia, Patologia, Pneumologia, Farmacologia, não é mais conhecimento abstrato. Relaciona-se com o Homem e a Vida, no doente e no estudante, cujos conhecimentos juntam-se agora, ao seu sentir e agir. Constrói-se mais

*conhecimento novo, diante daquela realidade”.*

Nessa dimensão, o professor tem a responsabilidade de ensinar a pessoa a ser, a saber fazer, ter uma atitude construtiva e participativa, uma postura ética, comprometida com os problemas significativos, que exigem uma racionalidade prática e uma atuação efetiva. Tem o desejo de proporcionar ao aluno um processo que seja capaz de permitir uma reflexão crítica sobre sua ação, ou seja, repensando formas de comunicação e de intervenção nos serviços de saúde, para poder criar alternativas que proporcionem espaços instituintes de cidadania.

### **O papel do professor na atividade de pesquisa**

Na Universidade, a valorização da pesquisa tem sido um ponto motivador para o professor pesquisador, em especial para o terapeuta ocupacional e é apontada por alguns entrevistados como sendo fundamental. Para eles, a pesquisa vem garantindo maiores reflexões epistemológicas da profissão, favorecendo o surgimento de novos campos de atuação na Terapia Ocupacional.

Os professores entrevistados entendem que as articulações ensino/pesquisa aparecem como atividades que devem ser associadas no caminho acadêmico, porque estão diretamente ligadas ao processo de formação do aluno. Segundo eles, o aluno que participa de atividades de pesquisa desde a sua graduação desenvolve não só uma melhor articulação teoria/prática, como também compreende com maior facilidade a inserção do profissional terapeuta ocupacional na sociedade contemporânea. Tal vivência contribui, assim, para uma formação mais engajada do aluno.

A academia tem valorizado muito a função do professor pesquisador. A primeira situação divergente apontada nesse campo diz respeito à organização

institucional, ou seja, as instituições públicas e particulares estão estruturadas de forma a estabelecerem condições de trabalho que se diferenciam. Nas escolas públicas a pesquisa faz parte do papel profissional docente: o professor na maioria das vezes, tem dedicação exclusiva e cumpre uma carga horária de quarenta horas aulas semanais, o que é tido como suficiente para o desenvolvimento do seu papel de pesquisador. No setor privado, o valor e as condições do trabalho estão determinados por horas trabalhadas e o profissional permanece na instituição o tempo suficiente para cumprir a sua carga horária que, na maioria das vezes, significa exercer a função de ensino. Essa situação é contraditória, uma vez que neste setor também se espera do terapeuta o papel do professor/ pesquisador, porém sem a garantia de espaço e de tempo para tal.

De qualquer forma, o grupo considera que esse papel é imprescindível para a formação do profissional, bem como para o reconhecimento da profissão.

Fagundes (in *GERALDI, 1999*) comenta em seus estudos que o ensino e a pesquisa são funções constitutivas da universidade e a pesquisa deveria ser entendida como um componente do processo de inserção da formação do profissional. A atividade da pesquisa possibilita a construção de novos conhecimentos, favorecendo a oportunidade do aprimoramento formal e de certa forma, exige o desenvolvimento tecnológico que possa beneficiar a comunidade.

Para o terapeuta ocupacional brasileiro esta é ainda uma atividade nova, uma vez que só na última década (1990) é que as bases de pesquisadores começaram a ser desenvolvidas nesse campo. Mesmo assim, os entrevistados ressaltam que a atividade de pesquisa vem favorecendo a constituição da terapia ocupacional e garantindo o crescimento da profissão,

uma vez que proporciona a interação dos cursos, a experimentação de diversos papéis, a divulgação da profissão em vários espaços institucionais e a capacitação formal do terapeuta ocupacional.

Alguns professores compreendem que a pesquisa está articulada com a atividade de extensão, uma vez que o campo prático é um caminho natural da observação e da investigação. Para alguns entrevistados a relação ensino/pesquisa é um componente do processo de formação do aluno, que no contato com a população a ser atendida, cria um espírito de investigação e de curiosidade capazes de construir novos conhecimentos e de apontar outras possibilidades de enfrentamento na prática clínica.

### **O papel do professor na atividade de extensão**

As atividades de extensão definidas pelos professores terapeutas ocupacionais dizem respeito não somente àquelas que englobam os serviços de assistência, mas todas as prestações de serviços realizadas na comunidade e que estão articuladas ao papel terapêutico do professor da área da terapia ocupacional.

*É também o trabalho de assessoria, de consultoria, enfim, é a utilização dos conhecimentos produzidos aqui dentro para fora da universidade. (S1)*

Para alguns professores, a proposta de associar ensino/pesquisa/extensão é de poder tomar uma dimensão que transcenda os muros universitários.

Segundo *GERALDI (1999)* a perspectiva de associar ao ensino a pesquisa e a extensão implica em trabalhar com as reais necessidades sociais, ou seja, o professor toma como sua responsabilidade a produção de novos conhecimentos com a intenção de que é

possível sempre achar um jeito novo de se fazer saúde para melhor atender a demanda.

Para BAGNATO (1999:11), são diversos os desafios dos profissionais da área da saúde, levando em consideração seus papéis sociais, político e educativo, no contexto atual: *“há que se considerar a dinâmica da nova ordem mundial; mas as práticas, os compromissos e as escolhas teórico-metodológicas vão definir atitudes que implicarão na trajetória do profissional. Fazemos escolhas por determinados caminhos, deixando à margem outros e entendemos que é imprescindível ter clareza das consequências de nossas opções (...)”*. Acredita que é preciso estar sensível para compreender que os profissionais da saúde lidam com a realidade atual, contextualizada e só se pode dar respostas efetivas às necessidades e demandas ao se assumir um compromisso político profissional.

Alguns terapeutas ocupacionais referem que sua função educativa implica sim assumir uma postura política profissional. Consideram que as atividades práticas assistenciais estão voltadas para o atendimento direto da população e o profissional está diretamente envolvido nessa realidade, que é atual e concreta. Nesse sentido, tomando ROLNIK e GUATTARI (1986) como referência, ele vai se constituindo e se reconstituindo por suas práticas sociais e a partir desse processo, assume uma postura para superar e transformar essa realidade, fazendo opções e definindo condutas, estabelecendo um papel político educativo. Embora o grupo tenha uma formação centrada no modelo hegemônico de saúde-doença, na prática suas ações estão direcionadas para a construção de respostas que permitam a interação e a inclusão social.

Dessa forma, esses professores terapeutas ocupacionais, ao descreverem o seu trabalho, vão

delimitando uma forma de estar no mundo, de acordo com a ótica esboçada por GUATTARI e ROLNIK (1986).

### **O papel do professor na atividade administrativa**

Esse papel apresentado pelo grupo diz respeito a duas situações: a primeira, quando o professor toma a responsabilidade de fazer parte da estruturação e organização do ensino na universidade e a segunda significa as tarefas administrativas que o cargo pode demandar.

Na primeira situação, a função administrativa vai exigir que o professor assuma papéis internos à instituição, como o de gerenciamento, coordenação de curso e de núcleos de pesquisa, chefia de departamento, representante nos órgãos colegiados, organização de eventos, etc. Essas atividades, de certa forma, determinam um espaço político, uma vez que o professor ao desempenhar uma função administrativa está podendo participar da construção de um modelo. Assim, a possibilidade de coordenar um curso, chefiar um departamento, entre outras funções, parece ser uma oportunidade de marcar uma presença no espaço universitário.

*Eu acredito que uma das funções do docente é se fazer presente na comunidade universitária, é a gente tomar parte tanto das situações mais culturais como os eventos que a própria universidade organiza, como os encargos que exigem maior responsabilidade, como tomar parte dos vários conselhos decisórios. Enfim, onde a gente tiver oportunidade de ter acesso, pode ter certeza que um de nós vai estar lá. (S2)*

A segunda situação está focalizada na estrutura acadêmica em si, cuja organização demanda uma série de tarefas que fazem parte do papel do professor

universitário. Responder pela disciplina implica em definir o seu conteúdo programático, a metodologia aplicada e a avaliação do curso. Essa atribuição na atividade de ensino demanda todas as atribuições administrativas que o cargo lhe confere: organizar a disciplina e o material didático, avaliar o aluno, encaminhar os dados de avaliação para o setor competente, etc.

Nas duas situações, o sentimento desses professores terapeutas ocupacionais é de que desempenhar uma atividade administrativa é bastante desconfortável. Ela requer um conjunto de ações que parecem simples, mas que na verdade, a solução dos problemas, na maioria das vezes, não vai depender só da vontade do professor administrador, mas de múltiplos outros fatores e desdobramentos.

De qualquer forma, o grupo entende que é responsabilidade da docência o papel social e político de participar e estar envolvido na área administrativa do ensino.

## CONCLUSÕES

As análises relatadas nesta pesquisa tiveram a intenção de contribuir para as reflexões sobre o papel do terapeuta ocupacional na área da educação.

O professor universitário terapeuta ocupacional desenvolve seu trabalho delimitando um espaço na universidade, que se estabelece através de diversas experiências que vão sendo concretizadas e assim, ele vai definindo seu papel profissional. Para essa definição dois movimentos se fazem presentes: um de ordem capitalista, dominante, homogeneizante e outro capaz de favorecer outros modos de sensibilidade e de criar novas formas de entender o mundo.

Assim, nos discursos desses professores encontra-

se as experiências da prática institucional em que cada terapeuta ocupacional vai descrever uma cartografia individual, singular. Porém, ela é resultante do engendramento histórico, ético e político das práticas sociais, em que vivendo o paradoxo do mundo contemporâneo, pensa, constrói e delimita o seu próprio modelo.

Então, esse papel profissional transita num movimento de resistência a esse modelo homogeneizante, fazendo nascer a busca de outras referências. Percebe-se que existe uma tentativa permanente de buscar novas mudanças no campo social.

Para o grupo de terapeutas ocupacionais, ser professor é uma situação circunstancial no sentido de que não existe ainda nessa profissão uma tradição acadêmica. Em outras áreas existe um grande número de especialistas que disputam uma vaga na universidade.

Historicamente, os cursos de Terapia Ocupacional no Brasil são recentes e foi a partir da década de setenta, com a expansão das escolas de nível superior por todo o país, que houve a possibilidade de se contar com um maior número de professores terapeutas ocupacionais nas universidades (EMMEL e LANCMAN, 1998).

A ocupação desses espaços veio favorecer a abertura de um novo mercado de trabalho para os terapeutas ocupacionais, que vem possibilitando o crescimento da profissão, uma vez que a academia proporciona a interação entre os cursos, a experimentação de diversos papéis, a divulgação da profissão em vários espaços, a capacitação formal dos terapeutas ocupacionais, a constituição das áreas de pesquisa, entre outras.

A maioria dos terapeutas ocupacionais declarou que suas maiores expectativas na Universidade estão voltadas para a divulgação da profissão, no sentido da

credibilidade e da importância do profissional na equipe de saúde. Referem que o respeito e o reconhecimento acadêmico tem sido conquistado, na medida em que suas práticas vão possibilitando as interações e as trocas, tornando mais visível o papel de cada profissão. Consideram que as expectativas têm sido alcançadas, na medida em que os cursos estão tendo uma projeção dentro e fora da universidade. Para os entrevistados, o espaço acadêmico tem contribuído para a ampliação e divulgação da profissão, uma vez que possibilita o aumento das relações, da participação e da construção do processo de autonomia na equipe de saúde. Com isso, tem favorecido as ações políticas e viabilizado a ascensão profissional no mercado de trabalho.

Os relatos dos entrevistados deixam transparecer uma boa dose de satisfação pela atividade que desempenham, a despeito de todas as dificuldades que enfrentam, e esta vem sempre acompanhada por enfoques de *construções conjuntas* com outros profissionais e de *participação*. Assim é no ensino, na pesquisa, na extensão e na administração universitária. Neste sentido, concordam com Maximino, quando nos diz que o envolvimento emocional no “fazer” pressupõe um sentido do outro na relação e que a ação do sujeito repercutirá num espaço coletivo.

Uma outra situação apontada pelos terapeutas ocupacionais entrevistados é que a academia favorece o processo de ensino-aprendizagem, em que o professor pode sair da compreensão linear e mecânica e buscar uma relação com a realidade psicossocial viva e mutável. Nesse sentido, o professor vai enfrentar problemas de natureza prioritariamente prática que requerem um tratamento singular e esse fato sugere que o profissional possa demonstrar essa situação para o aluno, podendo refletir junto com ele sobre como resolver cada problema, considerando a situação concreta, relacionando-a aos

seus conhecimentos e suas técnicas.

A referência é de que a saúde não se explica em si mesma e compreendê-la implica em apreender as relações mais amplas em que todos os fenômenos sociais se articulam. Impõe perceber uma multiplicidade de componentes de natureza social, cultural, psicológica e biológica, tanto no âmbito microsocial (do local de trabalho, da família, da empresa e comunidade) até no macrosocial de caráter econômico e político da organização da sociedade como um todo. Esta compreensão vem solicitar um outro modelo de profissional, que seja capaz de perceber esse contexto. Lidar com o sofrimento do outro requer uma disponibilidade interna, requer a criação de novos espaços alternativos para ouvir as histórias de vida dos pacientes, as suas queixas, que na maioria das vezes, precisam ser ditas e não somente medicalizadas ou instrumentalizadas pelas técnicas terapêuticas.

Esta situação pressupõe trabalhar com a fome, com a ausência de emprego, com a falta de moradia, entre outras situações, que vão constituindo um padrão patológico na vida da maioria das pessoas.

Para os professores terapeutas ocupacionais esse é o enfrentamento que o profissional da saúde convive e portanto, a carga de sofrimento é grande. Alguns consideram que nem sempre na Universidade se tem clareza do volume de atividades e das condições de trabalho que cabe à esse profissional.

Em relação à atividade de pesquisa, embora esta tenha sido descrita como um aspecto fundamental nas Universidades, o espaço definido para essa prática tem sido diferenciado nas escolas públicas e privadas. Por um lado, os funcionários públicos ficam determinantemente convocados a exercerem esse papel, na medida em que a maioria deles são contratados em

tempo integral, com dedicação exclusiva incluindo o tempo para a atividade de pesquisa. Por outro lado, nas universidades particulares o modelo de contrato de trabalho difere e o professor pesquisador passa por um critério de avaliação interna para poder desenvolver seu projeto. Nessa ordem, o professor da escola pública tem garantida sua capacitação e desenvolve projetos de pesquisa com maior frequência e disponibilidade. No entanto, atualmente os funcionários públicos vivem uma crise de ordem estrutural em que os recursos materiais e humanos são precários, o que contribui para a intensificação do processo de pauperização do trabalhador.

Do ponto de vista do ensino, uma conclusão marcante para este trabalho refere-se ao duplo papel do terapeuta ocupacional nesta atividade: ao mesmo tempo que ensina o aluno, atende a população. Isso envolve uma dupla exigência: a do aluno, querendo garantir a sua aprendizagem e a da clientela, exigindo as soluções

para seus problemas.

De um modo geral, o trabalho acaba tendo um papel central no cotidiano do professor terapeuta ocupacional, uma vez que a maior parte do seu tempo é ocupada com esta atividade. Neste sentido, os resultados aqui obtidos reafirmam a idéia de que vivemos em uma sociedade determinada por um espaço e um tempo voltados predominantemente para o trabalho.

Se por um lado o trabalho na universidade está relacionado com a possibilidade de se construírem relações, re/estabelecendo uma potência produtiva, por outro, encontra-se poucas possibilidades para o tempo da não-obrigação, o tempo voltado para o lazer, para o descanso, para outros investimentos que vão dar suporte a uma organização interna, possibilitando experimentar diversas sensibilidades. A conciliação desses “dois tempos” não tem sido uma tarefa de fácil solução para esses professores terapeutas ocupacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNATO, M.H., COCCO, M.I.M., DE SORDI, I.M.R.L. (org). **Educação, Saúde e Trabalho: antigos problemas, novos contextos, outros olhares**. Campinas: Alínea, 1999.
- BOGDAN, R. C., BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- EMMEL, M.L.G. e LANCMAN, S. Quem são nossos mestres e doutores ? O avanço da capacitação docente em Terapia Ocupacional no Brasil. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, 1998, ano VII, vol. 7, n. 1, pp. 29-38.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GERALDI, Corinta. **A integração do ensino e da pesquisa no trabalho docente universitário**. Revista Quaestio, Sorocaba: UNISO, 1999. pp. 18-31
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica- Cartografias do desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.
- HAHN, Michelle. S. **Estudo da clientela de um programa de atenção em saúde mental junto ao**

- estudante universitário de São Carlos. (Dissertação de Mestrado), Campinas: UNICAMP, 1994.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARCUSE, Herbert. **Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- MAXIMINO, Viviane Santalucia. **A Constituição de Grupos de Atividade com Pacientes Psicóticos**. (Tese de Doutorado). Campinas/SP: UNICAMP, 1997.
- PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, Profissionais Docentes e Formação. Perspectivas sociológicas**. Lisboa, Dom Quixote, 1993.
- PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. São Paulo. (Tese de Doutorado), São Paulo: PUC, 1992.
- SAMPAIO, Jader dos Reis (org). **Qualidade de Vida, Saúde Mental e Psicologia Social: estudos contemporâneos II**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- SPINK, Mary Jane. Regulamentações das profissões de saúde: o espaço de cada um. **Cadernos FUNDAP**. São Paulo: 1985.5(10).
- \_\_\_\_\_. O Conhecimento do cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

#### ABSTRACT

This article regards an explanatory study about the work at the university, specially ones related to the college professor who works in the occupational therapy area. Based on pre-established criteria, it was gather a group of eleven occupational therapists that were teaching at public and private universities. The informations, obtained by interviewing the occupational therapists, were used to analyse the professor's routine focusing on their professional activities in learning, research, community services and administrative activities.

**Key words:** college professor, occupational therapy, health and work